



Os vestígios do Marxismo no jornal *A Voz do Caixeiro*¹

Jessé Andrade Santa BRIGIDA²

Cleonice Viana NUNES³

Netília Silva dos Anjos SEIXAS⁴

Universidade Federal do Pará, Belém, Pará

Resumo

As mudanças ocorridas em Belém no século XIX não foram somente urbanísticas. O período é rico em avanços no pensamento social, por melhorias tanto na vida cotidiana como nas condições de trabalho. Utilizando os pensamentos socialistas e da luta de classes pregadas por Karl Marx e Friedrich Engels, o presente artigo tem como objetivo analisar os discursos empregados no jornal *A Voz do Caixeiro* para identificar a classe caixeira. O trabalho é fruto das pesquisas proporcionadas pelo projeto *Jornais Paraoaras: O percurso da mídia impressa em Belém no século XIX*⁵, realizado na Universidade Federal do Pará.

Palavras-chave: Classe caixeira; Marxismo; Século XIX; Belém.

Introdução

Este artigo é resultado das pesquisas do projeto *Jornais Paraoaras: percurso da mídia impressa em Belém no século XIX* que desenvolve suas atividades desde 2010 na Universidade Federal do Pará (UFPA), com a proposta de identificar e analisar a configuração gráfica e de conteúdo de jornais publicados em Belém no período determinado e que estejam disponíveis para consulta em acervos.

No fim do século XIX via-se a transformação do espaço urbano brasileiro, desde o seu modo de vida a uma nova estrutura urbana, do controle das classes pobres e do aburguesamento da elite do período. A modernidade crescente no país, em especial na capital paraense, era consequência do aumento da riqueza, caracterizado pelo desenvolvimento tecnológico proporcionado pela Revolução Industrial. Como afirma

¹ Trabalho apresentado no II 1–Jornalismo do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 17 a 19 de maio de 2012.

² Bolsista de Iniciação Científica Ações Afirmativas da Universidade Federal do Pará, graduando do 3º semestre em Comunicação Social, habilitação Jornalismo. E-mail: jesse_rcc@hotmail.com.

³ Graduanda do 3º semestre em Comunicação Social, Habilitação Jornalismo, da Universidade Federal do Pará. E-mail: cleoviana_cn@hotmail.com.

⁴ Coautora e orientadora do trabalho. Jornalista, doutora em Letras, professora da Faculdade de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação, Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará, coordenadora do projeto de pesquisa “Jornais Paraoaras: percurso da mídia impressa em Belém no século XIX”, apoiado pelo CNPq. E-mails: netilia@ufpa.br, netilia@uol.com.br.

⁵ Projeto apoiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), desenvolvido na Faculdade de Comunicação e no Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará.



Sarges (2000, p.15-17), “a construção de ferrovias, calçamento das ruas, instalação de uma rede de esgotos, criação de um serviço de transportes públicos, construção de bosques e praças são alguns exemplos de projetos de urbanização do período.”

Graças ao processo de vulcanização do látex, criado por Charles Goodyear em 1839, a utilização da borracha somente cresceu ao longo do século XIX, afirma Ana Maria Daou (2004, p.19), no livro “A belle époque amazônica”. Segundo Daou (2004, p.19), em meados do século “a borracha já ocupava a pauta de exportação como um entre os numerosos produtos extraídos da fauna e flora amazônica”.

O lucro obtido com a comercialização da borracha foi muito importante para a urbanização de Belém. Os investimentos, em sua maioria, voltaram-se para a exportação do produto gomífero. A partir de pesquisas que envolveram o período, a historiadora Maria de Nazaré Sarges (2000) afirma:

O processo de modernização da cidade de Belém só foi possível em razão do enriquecimento que atingiu certos setores sociais da região a partir da segunda metade do século XIX. Reforçando o processo de inserção da Amazônia no sistema capitalista mundial, toda atividade econômica da região passou a girar em torno da borracha a partir de 1840. Em decorrência dessa nova ordem econômica, Belém assumiu o papel de principal porto de escoamento da produção gomífera, canalizando parte do excedente que se originou dessa economia para os cofres públicos, os quais direcionaram o investimento para a área do urbano, com calçamento de ruas com paralelepípedos de granito importados da Europa, construção de prédios públicos, casarões em azulejos, monumentos, praças etc. (SARGES, 2000, p.16).

As mudanças acima citadas não ficaram apenas no campo da urbanização. Os padrões adotados como modernos adivinham da Europa. Assim sendo, não veio para a Amazônia somente o urbanismo e o modo de vida europeu, mas também a nova forma de pensar em relação à sociedade e seus contextos. Entre as diversas ideias que atravessaram o mar, a de classes sociais, elaborada por Karl Marx e Friedrich Engels, chegaram a terras amazônicas.

A defesa da classe proletária, que por muito tempo foi subjugada, era um de seus enfoques e, para tal, Karl Marx e Friedrich Engels elaboraram em 1848 o “Manifesto Comunista”, que convocava os trabalhadores a unirem-se e buscarem uma melhor formação intelectual, saindo assim da condição de subjugados (MARX, ENGELS, 2005; SALLES, 2001). Com o *slogan* “proletários de todos os países, uni-vos”, Marx e



Engels chamam os trabalhadores a unirem-se na formação e organização de classes para lutarem por seus direitos. Essa convocatória chega a terras amazônicas e ganha adeptos e defensores, como Bento Figueiredo Aranha II, que em 1873 funda o Clube Popular, organização onde se reuniam trabalhadores, formando assim uma espécie de sindicato (SALLES, 2001).

A fomentação das ideias socialistas não para no Clube Popular, ganhando espaço na mídia impressa do século XIX. Um dos difusores de tais ideias surge em 1890. Trata-se do jornal *A Voz do Caixeiro*, que se auto-intitulou a “voz da classe caixeiral”,⁶ deixando assim bem explícita a sua proposta de advogar por meio da mídia impressa a favor da classe dos caixeiros do comércio de Belém.

O jornal *A Voz do Caixeiro*

Segundo o Catálogo Jornais Paraóaras e os arquivos disponíveis na Biblioteca Pública do Pará Arthur Vianna, o jornal *A Voz do Caixeiro* foi um periódico que surgiu em Belém na segunda metade do século XIX, mais precisamente em 09 de fevereiro de 1890. Suas publicações eram semanais e em suas páginas, que mediam 32 cm por 23 cm, eram encontrados assuntos diversos da cidade, como política, economia, polícia e até mesmo óbitos. Não são informados os nomes dos repórteres, editores nem do dono. Inicialmente foi impresso na Typographia de A. F. da Costa e, a partir da edição de número 38, passa a ser impresso na Typographia Livro de Ouro⁷.

A Voz do Caixeiro foi publicada até o dia 14 de agosto de 1885, porém, no setor de microfilmagem da Biblioteca Pública Arthur Vianna, só estão disponíveis para a consulta 46 edições, que circularam até dezembro de 1890 (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1895, p.133). Tendo em vista o recorte temático proposto para este artigo, foram utilizadas como *corpus* desta pesquisa as edições que se referiam à Lei de Fechamento de Portas e a classe caixeira, em que se buscou observar a enunciação do jornal a respeito do tema. Por *enunciação* acompanha-se, aqui, o entendimento de Verón (2004), que a percebe como estando na esfera das formas de dizer, enquanto o enunciado estaria na ordem do que é dito.

⁶ Expressão utilizada pelo jornal *A Voz do Caixeiro*.

⁷ O motivo da troca de tipografia não foi informado nas fontes pesquisadas.



A análise sobre o jornal pode começar a partir do seu próprio nome, constituído em enunciado que representa uma classe. Só pelo enunciado “a voz do caixeiro”, percebe-se uma nítida proposta de oferecer voz, uma oportunidade de expressão a quem não tem. O jornal se declara, assim, o comunicador de uma classe, de seus ideais, de seus pensamentos e das suas reclamações. De acordo com Maurice Mouillaud (2002, p.86), o nome do jornal não pode ser considerado “como um enunciado isolado e autônomo, mas como um enunciado que aparece no jornal em locais bem determinados”.

O nome-de-jornal não é mais objeto da leitura, torna-se seu envelope. Ele se retira acima de todos os outros enunciados. A partir desta posição destacada, assegura a coerência e a continuidade dos enunciados à maneira de uma pressuposição. Constitui o princípio de uma espera, por parte do leitor que, por ser implícito, não é, do mesmo, menos significativo.” (MOUILLAUD, 2002, p.86).

O jornal em análise, assim, até a partir do próprio nome (*A Voz do Caixeiro*), se dá o poder de ser representante de uma determinada classe, o que é reforçado pelos assuntos tratados em suas páginas. Nas capas das edições, vinha a seguinte divisa⁸: “If faut agir, il faut marcher, il faut vouloir (Victor Hugo)”, que significaria, em tradução livre, “É preciso agir, é preciso caminhar, é preciso querer”. Localizada no alto da página, à direita do nome do jornal, percebeu-se, ao longo da pesquisa, que a divisa era uma convocatória à classe caixeira, para lutar por seus direitos. Esse enunciado (a divisa) era de caráter militante a uma causa, deixando evidente o objetivo do jornal de mobilização da classe caixeira.

Em seu artigo de lançamento, o jornal *A Voz do Caixeiro* elogia “a sabia lei de 16 de janeiro de 1890”,⁹ que se referia a Lei das Portas Fechadas, que obrigava aos comerciantes do centro de Belém a fecharem seus comércios ao domingo e dias santos, dando folga aos trabalhadores. Sendo assim, o jornal não poderia circular em outro dia a não ser no domingo, já que esse dia era de descanso para a classe dos caixeiros, ajudantes dos comerciantes das casas de aviamentos e que cuidavam dos depósitos de comidas de tabernas, público alvo do jornal. De acordo com a primeira edição do periódico, o domingo seria, então, um dia que deveria ser utilizado para atividades que não envolvessem o comércio:

⁸ Enunciado que funcionava como lema do jornal e que se encontrava na primeira página.

⁹ Título do artigo de abertura da primeira edição do jornal em 09 de fevereiro de 1890.



[...] o domingo é um dia consagrado ao descanso que a hygiene preconisa e em todas as cidades civilizadas como Londres, por exemplo, todo e qualquer transação commercial, todas as negociações são suspensas neste dia [...]. (A VOZ DO CAIXEIRO, 09/02/1890, número 1, p.1).

Para embasar seus argumentos, era sempre recorrente a comparação com outros países já industrializados daquele período, introduzindo, assim, um conceito de modernidade pela qual a cidade vinha passando.

Na Inglaterra, e no Estados Unidos da America do Norte, onde iguaes leis vigorão, mas de um modo extremamente respeitador aos preceitos promulgados pelos poderes reconhecidos; procurão todos concorrer em sua parcialidade, para que a eficacia das medidas dictadas pela ideia do progresso e engrandecimento social, não seja considerado como uma mera utopia. O mesmo não sucede entre nós. (A VOZ DO CAIXEIRO, 16/03/1890, número 6, p. 1).

Algo constante em suas páginas era a afirmação de ser a “voz da classe caixeiral”, advogando as causas a favor da classe. Para tal, denunciava o descaso dos fiscais públicos que aceitavam propinas ou agradados para não fiscalizarem com rigor os comércios. Publicava o nome dos comerciantes juntamente com o do comércio que descumprisse a lei ou que tentasse burlá-la de alguma forma. É o que se pode observar no aviso logo na sua primeira edição:

As senr. Fiscaes
Pedimos que continuem a usar do maior rigor com as cassas que, ao domingo trabalham, com as portas semi-fechadas.
Isto é um abuso e como tal deve ser punido.
Aos srs. Commerciantes que assim infringem a lei, avisamos de que fechem as suas portas, sob pena de publicarmos os seus nomes.
Cuidado snrs. Fiscaes ! (A VOZ DO CAIXEIRO, 09/02/1890, número 1, p. 4).

Além das notícias da cidade, o periódico tinha duas grandes espécies de editorias,¹⁰ a “Econômica”, que contava com a seção¹¹ “Estudos” e “Commércio”, e a

¹⁰“Cada uma das seções de uma empresa editorial, de um órgão de imprensa, de uma obra de referência etc., sob a responsabilidade de um editor especializado. Exemplos: editoria econômica, editoria política, editoria de artes, editoria de esportes etc.” RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de Comunicação**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1998, p. 227.

Neste artigo, o uso de “editoria” com relação ao periódico analisado é aproximativo, haja vista que no século XIX a organização dos jornais não se dava da mesma forma que nos dias atuais.

¹¹“1. Parte de uma publicação (jornal, revista), de um programa televisivo ou radiofônico, CD-ROM, site, etc., onde se agrupam informações do mesmo gênero, ou sobre um mesmo tema. Exemplos: esportes, notícias internacionais, economia, política, cidade, polícia, artes etc. **V. coluna, notícia, nota, suelto, artigo, crônica, editorial e feauture**. 2. Parte da **redação** (1) de um **veículo** informativo onde trabalham profissionais responsáveis pelo mesmo tipo de



de “Formação Literária”, que trazia as seções “Sonetos”, “Crônicas”, “Poemas” e a indicação de livros que serviriam de boa leitura. Trazia também as seções “Óbitos”, “Polícia” e “Anúncios”. Embora publicando tais seções, o jornal estava sempre enfocando a formação do caixeiro, para que ele não viesse a ser subjugado e pudesse sair da condição de simples trabalhador braçal, passando, assim, a ser reconhecido como de extrema importância para o bom funcionamento do comércio ou casa de aviamento na qual trabalhasse.

Elementos do Marxismo no jornal *A Voz do Caixeiro* (1890)

Com o advento da Revolução Industrial, viu-se um crescimento na concentração de trabalhadores nos centros urbanos, que passaram a viver um estado de miséria, pois houve aí um inchaço populacional.

Os problemas ambientais urbanos podem ser caracterizados como aqueles que surgiram após a Revolução Industrial. A partir do fenômeno da urbanização, que desencadeia, a Revolução Industrial (re)significa as cidades e, ao mesmo tempo, inicia o processo de explosão demográfica que provocando o inchaço das mesmas, a fuga e/ou expulsão do homem do campo e o surgimento dos primeiros bolsões de pobreza urbana. (FONSECA; BRAGA, 2010, p.63).

Foi em 1848, a partir de várias revoluções, que teve início o moderno movimento socialista. Mackenzie (1966, p. 47) faz tal afirmação “baseado nas lutas de classe contra o capitalismo industrial”. Engels (1847), em “Princípios Básicos do Comunismo”,¹² diz que “o proletariado surgiu da revolução industrial que aconteceu na Inglaterra na segunda metade do século passado e que se repetiu depois no mundo”.¹³ Embora nenhuma das lutas de 1848 tenham partido da classe operária, elas contribuíram para transformação do caráter socialista.

matérias. V. **editoria**. RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de Comunicação**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1998, p. 528.

Neste artigo, assim como em relação à “editoria”, o uso de “seção” é aproximativo, já que no século XIX os jornais não se organizavam da mesma forma que nos dias atuais.

¹² Escrito em fins de outubro e novembro de 1847. Publicado pela primeira vez em edição separada em 1914.

¹³ Para fins de esclarecimento, identificamos que “o século passado” faz referência ao século XVIII.



Salles (2001) diz que as ideias socialistas chegaram a Belém no ano de 1870-71 e tomaram corpo a partir da fundação do Clube Popular por Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha II:

O clube Popular é mais do que uma associação mutualista, como tantas que se criaram então, inspiradas no modelo inglês e/ou no idealismo socialista francês; é uma organização de classes, pré-sindicalistas, que antecede de poucas a organização das Ligas Operárias, com abundantes referências, tanto em Pernambuco como no Grão-Pará. (SALLES, 2001, p.38).

Os ideais marxistas não eram bem vistos na capital paraense. Tentava-se desestruturá-los para que o controle da população proletária continuasse sob o domínio das elites burguesas e detentoras dos meios de produção:

Já naquele tempo também se tentava desmoralizar o comunismo pelo ridículo; os operários eram destituídos de capacidade intelectual, eram mal preparados para a discussão das questões políticas e econômicas. (SALLES, 2001, p.47).

No entanto, a classe caixeira, formada por trabalhadores braçais do comércio belenense, tinha seus interesses representados e expostos no jornal *A Voz do Caixeiro*. O periódico buscava, para a classe, o reconhecimento e o direito de ter um dia de folga no seu trabalho árduo, comparando os caixeiros de Belém aos operários ingleses da Revolução Industrial que lutavam por seus direitos.

Tal acontece nas classes operarias da Inglaterra onde o chamado espirito de classe é um dogma social tanto mais respeitado quanto os caprichos dos donos de fabricas chegam a offender aos interesses da burguesia, do proletariado. (A VOZ DO CAIXEIRO, 16/02/1890, número 2, p. 1).

A partir da leitura do periódico é possível perceber que os argumentos expostos eram sempre empregados com grande empolgação e que os caixeiros procuravam ser reconhecidos por seu trabalho, ter seus interesses assegurados, de certa forma, serem amparados pelo governo para que pudessem usufruir de elementos básicos como a educação. Entre esses elementos encontravam-se o dia do descanso, para ter acesso ao estudo, aos livros, a cultura e ao lazer.

É na maneira como o jornal defendia a classe caixeira onde se encontram os vestígios marxistas, principalmente quando *A Voz do Caixeiro* pressionava o governo vigente, por meio de seus artigos, para a criação de uma lei que a amparasse. Essa lei foi

conhecida como a Lei do Fechamento de Portas ou a Lei de 16 de Janeiro¹⁴, aprovada no dia 16 de janeiro de 1890 por unanimidade no Conselho Municipal de Belém.

O periódico em nenhum momento se declara socialista, mas, a partir dos enunciados observados na pesquisa, fica evidente o quanto se tem de traços dos pensamentos de Marx e Engels, por exemplo, a luta que a classe devia empregar para ser reconhecida e ter seus direitos garantidos. Para os dois autores (2005, p. 73), o proletariado é extremamente explorado, em que “as diferenças de sexo e de idade não têm mais valor social para a classe operária. Ficam apenas instrumentos de trabalho, cujo custo varia conforme a idade e o sexo”, ou seja, na nova ordem social, o que importa é o lucro e não o bem estar ou as necessidades básicas do ser humano. Crianças e mulheres são expostas de igual maneira.

A validade da afirmação dos teóricos fica evidente na Belém do final do século XIX, em especial na classe caixeira, pois era comum a exploração de crianças, as quais eram denominadas como “os caixeiros de tabernas”, expostos a vários perigos. Em uma carta ao jornal, um assinante denuncia a exploração sofrida por crianças no comércio de Belém:

Collegas.

Já que tendes demonstrado o maior empenho na deffeza dos géraes interesses da nossa classe, é preciso que não vos esqueças dos nossos pequenos companheiros de classe – os caixeiros de tabernas.

Esses pobres meninos bem merecem que os tomeis na maior consiederação attento ao mizerrimo estado em que sepultados nessas escuras baiúcas, ou para melhor dizer – antros de perversão. (A VOZ DO CAIXEIRO, 25/03/1890, número 7, p.1, trecho da carta).

O referido jornal dedica uma página inteira a essa carta, que funciona como denúncia do descaso e dos maus tratos sofridos pela classe, não só porque se tratava de uma criança, mas tal caso deixava evidente que o “burguês”, o patrão, apenas pensava no lucro e não dava o devido valor ao trabalhador.

Não só de denúncias e críticas eram compostas as páginas do periódico. Quando um comerciante, ou vários, cumpriam a lei, o jornal fazia questão de publicar e de exaltar a demonstração de civilidade que o empregador tinha para com a classe, como pode ser observada na Figura 1:

¹⁴ A Lei do Fechamento de Portas não foi encontrada na Biblioteca Pública Arthur Vianna nem no Arquivo Público do Pará em forma de texto para exposição neste trabalho. Todos os dados obtidos sobre a lei foram encontrados no próprio jornal.

Figura 1: Elogio publicado aos comerciantes que aceitavam e cumpriam a lei.



Fonte: Reprodução de microfilme de A VOZ DO CAIXEIRO, 18/05/1890, número 25, p.2. Acervo da Biblioteca Pública do Pará Arthur Vianna.

Considerações finais

Partindo do urbanismo e da revolução de pensamentos que o século XIX possibilitou ao mundo e a Belém, o presente artigo se preocupou em contextualizar e mostrar que as ideias marxistas se refletiram na Amazônia, encontrando eco em um periódico – *A Voz do Caixeiro* - que representava uma classe esquecida e à margem do desenvolvimento da época, a classe caixeira.

Ao longo da pesquisa, foram encontrados no periódico vestígios das ideias marxistas, como a supervalorização da classe, a convocatória à união e organização dos trabalhadores, a necessidade da formação intelectual e de um dia para o descanso e as atividades físicas.

Não se pode afirmar que com as denúncias feitas por *A Voz do Caixeiro* a lei foi totalmente cumprida, haja vista que só estão disponíveis para consulta, no acervo da Biblioteca Pública do Pará Arthur Vianna, 46 publicações do ano de 1890, quando se tem informações de que o jornal circulou até 1892. Mas é nítido o papel social que o jornal desempenhou, sendo uma fonte de formação para os seus leitores e criticando o descaso público do período.

A partir da análise dos enunciados do nome do jornal, da divisa, dos artigos e das denúncias publicadas, pode-se concluir que o periódico desempenhou a função de - ou ao menos tentou ser um - formador de opinião. Os vestígios do pensamento marxista, encontrados em vários artigos publicados pelo periódico analisado, e a comparação com outros países industrializados introduziram o ar de uma modernidade não só urbana, mas filosófica na Amazônia.



Referências bibliográficas

DAOU, Ana Maria. **A belle époque amazônica**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004
Disponível em: http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=XAWQMFCdwqoC&oi=fnd&pg=PA7&dq=Belle+%C3%A9poque+Bel%C3%A9m+vulcaniza%C3%A7%C3%A3o&ots=QZ-UzG6pBV&sig=GaCk0_0LmTCDNyLKwT0zvKPiIss#v=onepage&q&f=false> Acesso em 04/04/2012, às 15h.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. Princípios básicos do comunismo (1847). In **Arquivos marxistas na internet** com base nas Obras escolhidas em três tomos, da editorial “Avante!”. Disponível em <<http://www.marxists.org/portugues/marx/escolhidas/index.htm>> Acesso em 04/04/2012, às 14h.

ENGELS, Friedrich. MARX, Karl. **Manifesto do Partido Comunista**. Bragança Paulista: Universitária São Francisco, 2005.

FONSECA, Valter Machado da; BRAGA, Sandra Rodrigues. **O Sujeito & o Objeto**: educação e outros ensaios. São Paulo: Biblioteca 24X7, 2010. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=MXnlZRCjyAEC&pg=PA63&dq=incha%C3%A7o+populacional+revolu%C3%A7%C3%A3o+industrial&hl=pt-BR&sa=X&ei=vqp8T5y0DIOkgwebxaCWDA&ved=0CDkQ6AEwAA#v=onepage&q=incha%C3%A7o%20populacional%20revolu%C3%A7%C3%A3o%20industrial&f=false>> Acesso em 04/04/2012, às 17h.

MACKENZIE, Norman. **Breve história do Socialismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell. O nome do jornal. In **O jornal**: da forma ao sentido. 2 ed. p. 85-98. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2002.

SALLES, Vicente. **Marxismo, socialismo e os militantes excluídos**. Capítulos da História do Pará. Belém: Paka-Tatu, 2001.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém**: riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1912). Belém: Paka-Tatu, 2000.

VERÓN, Eliseo. Quando dizer é fazer: a enunciação no discurso da imprensa escrita. In **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo (RS): UNISINOS, 2004.